

## “Cantico del sole”, de Ezra Pound: um passo da poesia à ética

Rodrigo Lobo Damasceno

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP

[lobo.damasceno@usp.br](mailto:lobo.damasceno@usp.br)

### Resumen

Este trabajo presenta una lectura del poema “Cantico del sole”, de Ezra Pound, y busca reflexionar acerca de sus implicaciones éticas y formales. Este poema posee centralidad en la obra del poeta norteamericano en la medida en que permite al lector vislumbrar el concepto poundiano de literatura y su relación con la educación y con la ética, temas recurrentes tanto en su poesía cuanto en su crítica. Conforme declara en un ensayo, Pound creía que “as artes fornecem dados para a ética” (Pound, 1976: 77), lo que permite entrever que, para el poeta, la poesía posee una función social que sobrepasa cualquier ideal de arte pura o arte por el arte e incurre en el didacticismo. El poema es representativo también por su aspecto formal, presentando una construcción singular a través de la repetición y de la citación/apropiación que el poeta hace de un trecho bíblico inserido en el texto, técnica largamente utilizada por Pound en el decurrir de su obra.

### Abstract

This paper presents a reading of the poem "Cantico del sole", by Ezra Pound, and aims to investigate its ethical and formal implications. "Cantico del sole" is a poem in which the reader can begin to see the Poundian concept of literature and its relation to education and ethics, recurring themes both in poems and in critical essays written by the American author. The poem is also representative in a formal level, presenting a singular structure based on repetition and also on quotation/appropriation from the *Bible*—and these techniques are largely used by Ezra Pound in all his work.

“Cantico del sole” foi escrito a partir de um caso específico de censura. Em 1917, autoridades norte-americanas decidiram-se pela proibição da circulação de um número da *Little Review*, célebre revista literária fundada pela editora Margaret Anderson. Os censores se mostraram incomodados por um conto supostamente pornográfico de autoria de Wyndham Lewis (que, como se sabe, era amigo e colaborador de Ezra Pound). Em que pese o fato de Margaret Anderson ter recorrido da decisão e vencido o caso, o que permitiu que a revista pudesse circular, “the whole action infuriated Pound” (Ruthven 1969: 48).

O que irritara Ezra Pound, como o próprio poeta depois esclareceria, foi sobretudo uma justificativa dada pelo juiz para o fato das sanções não serem aplicadas às obras classificadas como “clássicas”, estando restritas às produções populares e/ou contemporâneas. Assim o poeta reconstrói a fala do juiz:

I have little doubt that numerous really great writings would come under the ban if tests that are frequently current were applied, and these approved publications doubtless at time escape only because they come within the term 'classics,'

which means, for the purpose of the application of the statute, that they are ordinarily immune from interference, because they have the sanction of age and fame and USUALLY APPEAL TO A COMPARATIVELY LIMITED NUMBER OF READERS. (Pound apud Ruthven 1969: 48)

Tendo este contexto em mente, Charles Bernstein propõe que o poema seja lido a partir da assunção de que Pound escreve utilizando uma máscara, disfarçando-se de censor e falando através e em nome deste. No limite, diz Bernstein (2001), “clássicos” equivale a “pornografia”: a substituição irônica serviria para ressaltar o absurdo e o ridículo da opinião sustentada pelo censor. O que se depreende, desta proposta de leitura, é um poema que satiriza uma figura ao dar-lhe voz e expressão. A repetição insistente da sentença “The thought of what America would be like if the classics had a wide circulation troubles my sleep” seria, então, uma espécie de reprodução, no nível textual e estilístico, da recorrência de um pensamento fixo que perturba e impede o censor (o personagem cuja voz performatiza o poema) de conciliar o sono – isto porque o faz vislumbrar tanto o imenso e dificultoso trabalho que teria para regular a circulação de literatura e de ideias quanto, por outro lado, a amplitude que a má influência da pornografia (dos clássicos) teria nos EUA. Os versos do “Nunc dimittis”, então, revelam-se uma espécie de oração através da qual o censor roga a Deus que o permita dormir, ao mesmo tempo em que indica a fonte da moralidade a partir da qual faz o seu trabalho.

Ainda que concordemos com a leitura de Bernstein, ela nos parece parcial, no sentido de que descortina apenas um aspecto do poema. Assumindo certo risco, acreditamos ser justo afirmar que um leitor alheio às informações do contexto de produção de “Cantico del sole” dificilmente chegaria à mesma interpretação. O que uma leitura descontextualizada revela do poema, parece-nos, é uma espécie de incômodo e de preocupação diante do pequeno contato e do escasso conhecimento que os norte-americanos teriam dos clássicos. Nas duas interpretações, a preocupação é idêntica, distinguindo-se apenas, mas profundamente, por meio daquilo que a motiva: por um lado, teme-se a má influência; por outro, lamenta-se a falta dessa influência – neste caso valorada como boa.

A nossa hipótese é de que as duas interpretações não são autoexcludentes, mas igualmente justas. Não sustentamos tal posição amparados simplesmente na ideia, aliás bastante comum, de que a obra literária se presta a acolher tantas interpretações quanto leituras tiver – sobretudo se lembrarmos que, para Pound (1976: 68), o “bem escrever” é escrever de maneira perfeitamente controlada, o escritor dizer justamente o que tem em mente. Ele o diz com total clareza e simplicidade”. Parece-nos, em verdade, que é possível divisar, por meio de uma análise que leve em conta os preceitos ético-literários do autor, que Pound procurou deliberadamente conciliar os dois sentidos antitéticos que identificamos mais acima.

Esta intenção se deixa perceber, sobretudo, através da repetição. No seu estudo intitulado *Diferença e repetição*, Gilles Deleuze (2009: 19-20) indica, a certa altura, que a natureza da repetição “diz respeito a uma singularidade não permutável, insubstituível”. Afirma, por exemplo, que “Repetir é comportar-se, mas em relação a algo único ou singular, algo que não tem semelhante ou equivalente” (Deleuze 2009: 20). Infere-se, através das reflexões do filósofo francês, que mais do que uma sucessão de igualdades, que conduz à generalidade, a repetição aponta para uma sucessão de particularidades cujas semelhanças e identidades dizem muito mais a respeito da mente que apreende do que do objeto que se repete (e aqui ele reconhece a importância da teoria do conhecimento de Hume).

Ao interpretar o uso da repetição enquanto figura de retórica, Lausberg (2004: 166) chega a uma conclusão semelhante, afirmando:

De resto, também a igualdade, aparentemente completa, se realiza como desigualdade, nos seguintes casos:

- 1) Na medida em que, em relação ao corpo de palavra, a colocação de uma parte da frase em segundo lugar se realiza, as mais das vezes, como uma *pronuntiatio* aumentativa, a qual não é, de modo algum, completamente idêntica à da frase colocada em primeiro lugar.

De modo que a obra de Pound parece utilizar-se da repetição justamente para marcar essa diferença que, no caso deste poema, trata-se de uma duplicidade capaz de abrigar as duas interpretações apresentadas mais acima. A indicação textual da alteração de sentido da repetição seria, portanto, a citação bíblica intrometida a certa altura, a partir do nono verso.

Os registros das leituras deste poema feitas pelo próprio Pound demonstram, a nosso ver, uma nítida alteração de tom (literalmente, uma *pronuntiatio* distinta) que ilustra perfeitamente a nossa hipótese. Contudo, ainda que não dispuséssemos destas gravações, o próprio texto nos daria uma indicação clara de que a repetição, a partir do segundo momento do poema, já não procura veicular um sentido semelhante ou igual ao que veiculara no primeiro momento. Esta indicação é o curioso “Oh well!”, que representa, de forma humorística, um suspiro supostamente dado pelo juiz e censor. Identificamos, portanto, o sentido proposto por Bernstein na segunda parte do poema, no qual Pound põe uma máscara e representa uma *comédia*. Na primeira parte, por sua vez, lemos um sujeito poético que tece um lamento diante do que ele pensa ser uma *tragédia*: a ignorância dos americanos no que diz respeito aos clássicos da literatura. Neste ponto, lembramos-nos de como Deleuze (2009: 38) confirma a intuição de Hegel: “Há um trágico e um cômico na repetição. A repetição aparece sempre duas vezes, uma vez no destino trágico, outra no caráter cômico”.

Junto ao intrincado e sutil mecanismo estrutural posto em movimento pelo poeta neste “Cantico del sole”, nossa leitura considera como fundamental, para a construção do poema e do jogo que ele propõe, a postura ética que Ezra Pound assumia, particularmente ao pô-la em contato com a prática da produção literária e da leitura. Quatro anos antes da escrita e da publicação de “Cantico del sole”, Pound já expusera, no ensaio “O artista sério”, o seu ideal de poesia séria, sincera e eticamente comprometida:

Afirmei que as artes nos fornecem os melhores dados de que dispomos para determinar que tipo de criatura é o homem. Como nossa maneira de tratar o homem deve ser determinada pelo conhecimento ou concepção que dele tenhamos, as artes fornecem dados para a ética. (Pound 1976: 63)

Deste axioma Pound desenvolve a tese de que cabe aos artistas, particularmente aos poetas, esclarecer o homem a respeito da sua própria condição. Levando em conta o seu inegável autoritarismo e a sua posterior adesão ao fascismo, é curioso observar que Pound funda a sua ética através da noção de diferença e, em certa medida, do respeito e da compreensão delas. Segundo escreve, com as artes “aprendemos que os homens não desejam todos as mesmas coisas” (Pound 1976: 58). A ideia de Pound, em suma, é a de que a literatura humaniza o expor o homem às diferenças entre ele e os outros. No mesmo texto em que comenta a sentença do juiz, Pound escreve:

The gentle reader will picture to himself the state of America IF the classics were widely read; IF these books which in the beginning lifted mankind from savagery, and which from A.D. 1400 onward have gradually redeemed us from the darkness of medievalism, should be read by the millions who now consume Mr. Hearst and the *Lady's Home Journal*!!!!!!... No more damning indictment of American civilization has been written than that contained in the Judge Hand's "opinion". (Pound apud Ruthven 1969: 48)

É possível observar, por meio desta declaração, que Pound defende a ideia de que a literatura ou, mais propriamente, os clássicos são responsáveis por uma espécie de esclarecimento – através do qual os homens abandonaram a selvageria, desenvolvendo-se e encontrando-se na civilização.

Surpreende-nos o fato de que o preceito de Pound, um notório e renitente fascista, assemelhe-se tanto, por exemplo, à visão de qual seria uma das funções da literatura compartilhada por figuras tão díspares quanto Antonio Candido, Homi Bhabha ou Antoine Compagnon, todos eles comprometidos com a defesa e a valorização da democracia e atentos aos perigos do totalitarismo. Marcos Piason Natali (2006: 36) escreve que

O segundo elemento em que se baseia o conceito de literariedade no ensaio ‘O direito à literatura’ [de Antonio Candido] é a noção de humanização (...) A literatura é ‘fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem em sua humanidade’. A definição de humanização fornecida pelo texto esclarece que se trata de um processo que inclui o “exercício da reflexão”, a “aquisição do saber e o desenvolvimento da ‘percepção da complexidade do mundo’”

e também identifica ideia bastante semelhante no pensamento de Homi Bhabha.

Compagnon, por sua vez, escreve: “Ela [a literatura] nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos” (2009: 47). Não propomos a comparação destes discursos (em que pese o fato de serem todos eles tributários de certa ideologia modernista e modernizadora) com intenção de igualar as trajetórias intelectuais e políticas de Compagnon, Bhabha ou Antonio Candido à de Pound. E, por isso mesmo, é necessário desenvolver algum raciocínio acerca daquilo que os afasta de forma irremediável: se nos teóricos brasileiro, indiano e belga subjaz uma noção de literatura que aponta diferenças e atua eticamente por meio não só da aceitação, mas da inclusão, a teoria ético-literária de Pound degenera em autoritarismo, tratando a diferença pelo viés da exclusão ou, no mínimo, da subjugação. Esta postura fica muito nítida quando o poeta, em carta escrita no ano de 1922, diz a William Carlos Williams:

Aristocracy is gone, its function was to select. Only those of us who know what civilization is, only those of us who want better literature, not more literature, better art, not more art, can be expected to pay for it. No use waiting for masses to develop a finer taste, they aren't moving that way. (Pound apud Chace 1973: 15)

Nota-se, enfim, que o ideal de uma aristocracia (de natureza artística) acusa que, por dentro da percepção da existência de diferenças entre os homens, criava-se também, na teoria poundiana, a suposição da possibilidade de abordar tais diferenças em termos valorativos.

Esclarecida uma das distinções fundamentais entre os teóricos discutidos, resta ainda uma perturbadora semelhança: a inclusão de princípios éticos no pensamento teórico-literário –servindo tanto ao ideal de democratização e tolerância quanto ao de exclusão e intolerância. O que gostaríamos de suscitar, por meio destas considerações, é uma reflexão acerca do papel dúbio que esta inclusão da ética na discussão literária representa. Os constantes alertas de que preceitos teóricos descritivos, estruturais ou formais, como escreve Jaime Guinzburg (2012: 36), “permanecem omissos perante a presença da barbárie à sua volta” não podem encobrir o fato de que a inclusão da discussão ética na teoria da literatura, mais do que torná-la omissa, pode cooptá-la como força atuante em determinados contextos autoritários.

A repetição dos discursos éticos, do termo “ética” e dos seus derivados provoca uma inevitável banalização, conduzindo ao desaparecimento da própria discussão ética e apagando-lhe a sua condição naturalmente móvel e moldável às mais diversas circunstâncias. E é este, afinal, mais um ponto de contato entre ética e estética: sua mobilidade e a facilidade com que se fala a partir dos seus nomes. As duas disciplinas ou as duas práticas são capazes de conjugar diferenças aparentemente inconciliáveis, num movimento que mais do que dialético, pode às vezes ser caótico. É o que se dá no discurso ético-literário da modernidade e é o que se dá, por fim, no próprio “Cantico del sole”.

Dissertando acerca de estética no mesmo ensaio que abordamos, “O artista sério”, Pound (1976: 62-63) enceta as seguintes reflexões: 1. “A beleza em arte nos traz à mente o que tem valor”; 2. “A sátira recorda-nos que certas coisas não têm valor” e, enfim, 3. “O culto da beleza e o delineamento da feiúra não se opõem um ao outro” – síntese ideal para o que procuramos demonstrar tanto no poema, onde aparece (por meio de uma estrutura peculiar) o valor literário e a falta de valor da atitude de censura, quanto no ideal de uma literatura ética ou de uma ética da literatura, que conduz tanto aos valores de humanização e de tolerância quanto, por outras vias, aos perigos da exclusão e do totalitarismo.

## Bibliografia

Bernstein, Charles. Introduction to Ezra Pound. Disponível em: <<http://epc.buffalo.edu/authors/bernstein/essays/pound.html>>. Acessado em 14/02/2013.

Chace, William M. *The political identities of Ezra Pound & T.S. Eliot*. Stanford: Stanford University Press, 1973.

Compagnon, Antoine. *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

Deleuze, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

Guinzburg, Jaime. *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: Edusp, 2012.

Lausberg, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

Natali, Marcos Piason. “Além da literatura”. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: USP/FFLCH/DTLLC, 1996.

Pound, Ezra. *ABC da Literatura*. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1976.

Ruthven, K. K. *A guide to Ezra Pound's Personae*: 1926. Berkeley, University of California Press, 1969.